

As representações sociais dos adolescentes na obra da escritora best seller juvenil Thalita Rebouças

Marcella Azevedo¹

Resumo:

Considerando, tal qual Moscovici (2011), a existência de uma relação central entre as representações sociais e a comunicação, a proposta deste artigo é compreender algumas das formas como os adolescentes se veem e são vistos em nossa sociedade contemporânea, tendo como base um estudo de caso da obra da escritora Thalita Rebouças. A autora é um dos maiores expoentes da literatura juvenil do Brasil na atualidade, tem 18 livros publicados e mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos, sendo considerada um fenômeno cultural e de consumo no país. A grande pluralidade nas representações dos adolescentes na obra da escritora facilita o processo de identificação dos leitores com os personagens, abrindo caminho para o estabelecimento e fortalecimento de vínculos afetivos com os protagonistas e as narrativas.

Palavras-chave: literatura juvenil; representações sociais; consumo cultural.

Abstract:

According to Moscovici (2011), there is a central relationship between social representations and communication. Considering that, the purpose of this article is to understand some of the ways teenagers see themselves and are seen in our contemporary society, based on a case study of Thalita Rebouças' work. The author is one of the greatest exponents of juvenile literature in Brazil today. Her 18 books have sold over 1.5 million copies and she is considered a cultural and consumption phenomenon in Brazil. A large plurality in representations of adolescents in the author's work facilitates the process of identification of readers with the characters, paving the way for the establishment and strengthening emotional bonds with the protagonists and the narratives.

Keywords: juvenile literature; social representations; cultural consumption.

Artigo recebido em: 15/09/2015

Aceito em: 19/01/2016

¹ Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. E-mail: msazevedo@globo.com.

É de Durkheim o primeiro importante estudo sobre representações individuais e representações coletivas como fenômeno social (1970 [1898]). Um dos fundadores da Sociologia, ele propõe que sobre os indivíduos paira uma força coercitiva determinante, de modo que a sociedade não pode ser vista pelas suas partes (indivíduos) ou mesmo pela soma dessas partes, mas sim pela síntese desta coletividade e suas características específicas. Da mesma forma, para Durkheim, as representações - ainda que se originem das relações entre indivíduos ou mesmo entre esses e grupos - são necessariamente exteriores ao individual e possuem a capacidade de conservar e integrar a sociedade, se constituindo em representações coletivas. Além disso, as representações são comparáveis e configuram um fenômeno com características próprias. Elas podem, inclusive, ser conservadas, e para ele de fato o são, podendo ser reaccessadas e recombinaadas por meio de associações, dando assim origem a novas e outras representações.

A teoria das representações proposta por Durkheim é retomada, entre outros autores, pelo romeno Serge Moscovici (2011), que vai reinterpretá-la e propor uma nova teoria, por sua vez, à luz da Psicologia Social do Conhecimento. São duas as principais diferenças que ele propõe com relação ao estudo anterior. Em primeiro lugar, em vez de abordar as representações como um “conceito”, de aspecto estático e fixo, tal qual apresentado por Durkheim, Moscovici propõe que elas são um “fenômeno”, concedendo-lhes assim um caráter dinâmico. A segunda diferença, derivada da primeira, está na base deste dinamismo das representações, uma vez que estão relacionadas a modos específicos de compreender o mundo e de se comunicar e, por isso, são fenômenos que precisam ser descritos e explicados. Por conta disso, Moscovici propõe o uso do termo “sociais”, em vez de “coletivas”, para denominar as representações.

Moscovici afirma que as representações sociais possuem duas funções essenciais. Elas atuam de forma a convencionar e categorizar objetos, pessoas e acontecimentos, colocando-as em modelos que são conhecidos e partilhados por todos. Em segundo lugar, as representações se impõem sobre nós, são prescritivas, desempenhando uma força que se estabelece sobre a sociedade e seus indivíduos de forma inequívoca, facilitando sua reprodução e influenciando a informação, compreensão e julgamento do momento presente. É justamente baseados nas representações que uma cultura ou sociedade compartilha previamente que colocamos em prática a atividade de tornar “familiar” tudo o que primeiramente se apresenta como estranho ou “não familiar”. Moscovici afirma que o medo do que é estranho está arraigado nos indivíduos e faz com que eles se sintam ameaçados por uma potencial perda de referências e de sentido. Desta forma, há a tendência de tentar transformar o desconhecido em conhecido, pela tentativa de encaixe deste novo em uma categoria que já seja familiar:

Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – duma teoria científica, de uma nação, de um objeto, etc. – são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade. E através delas nós superamos o problema e o integramos em nosso mundo mental e físico, que é, com isso, enriquecido e transformado. Depois de uma série de ajustamentos, o que estava longe, parece ao alcance de nossa mão; o que parecia abstrato, torna-se concreto e quase normal (MOSCOVICI, 2011, p. 58).

Vale destacar ainda a relação central que Moscovici estabelece entre as representações sociais e a comunicação. Ao permitir a existência de códigos compartilhados, as representações tornam a comunicação possível. Não há interação humana sem representações. Ao mesmo tempo, porém, as representações são fruto da comunicação, que as coloca em circulação no interior da sociedade.

Outro autor que desenvolveu estudos sobre as representações sociais foi Stuart Hall, um dos principais teóricos dos Estudos Culturais britânicos. Em *The work of representation* (HALL, 1997), o autor propõe que a representação é um processo-chave no circuito cultural, que consiste na produção de significado através da linguagem. Isso se daria por meio de três abordagens teóricas distintas: a “reflexiva”, que reflete a realidade já existente; a “intencional”, por meio da qual a pessoa que fala explicita sua intenção; e a “construtivista”, cujo significado é construído socialmente, através das interações que se dão na linguagem. Esta última, a construtivista, é considerada por Hall como a de maior impacto nos estudos culturais, e é nela que ele aprofunda sua análise, por meio da abordagem a duas das suas principais variações: a semiótica, associada ao linguista Ferdinand de Saussure, e a discursiva, ligada ao francês Michel Foucault.

Assumindo, tal qual Moscovici, que as representações consistem em modos de comunicação e de compreensão do mundo e que, enquanto fenômenos, precisam ser descritas e explicadas, é que se pretende partir de um estudo de representações dos adolescentes na literatura juvenil brasileira com o intuito de melhor compreender algumas das subjetividades, afetos, valores e questões a eles associados na contemporaneidade. A escolha da literatura juvenil para objeto deste trabalho, não se dá por acaso. O segmento apresenta recente porém pujante crescimento nos últimos tempos. Se na década de 1970, a literatura infantojuvenil respondia por 8% dos lançamentos editoriais, 30 anos depois essa participação aumentou para 25% (MARTHA, 2010). Já em 2013, pesquisa da multinacional GfK aponta que o segmento foi o que registrou maior crescimento no mercado editorial brasileiro na comparação com 2012, com um aumento de 24% nas vendas em livrarias². A edição de 2015 da Bienal Internacional do Livro, realizada no Rio de Janeiro, confirma a crescente importância do público jovem na cena literária. O evento aponta um faturamento estimado de R\$ 83 milhões, com uma média de 6,6 exemplares vendidos por visitante. Registrou-se um

² MEIRELES, M. Pelas redes sociais, leitores influenciam produção de livros. *O Globo*. Rio de Janeiro, 24 dez. 2013. Disponível em: <http://moglbo.globo.com/integra.asp?txtUrl=/cultura/pelas-redes-sociais-leitores-influenciam-producao-de-livros-11143634>. Acesso em: 4 fev. 2015.

recorde de público, com 676 mil pessoas, sendo a maioria jovem. A porcentagem de visitantes entre 15 e 29 anos vem acumulando aumentos consecutivos: subiu de 44% em 2011 para 51% em 2013 e 56% em 2015³.

Alguns autores nacionais também são destaque neste segmento. É o caso de Thalita Rebouças, que tem 18 livros publicados e mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos, sendo considerada um fenômeno de consumo junto ao público adolescente, e justamente por isso escolhida como objeto deste estudo. Sete de seus títulos já foram lançados em Portugal e no ano de 2014 teve seus livros publicados em toda a América Latina. O sucesso de suas histórias e personagens impulsiona a adaptação de suas obras para outros suportes midiáticos. Três versões para seus livros já entraram em cartaz nos palcos brasileiros. Com relação à TV, em maio de 2012, foi exibido, pela TV Globo, o episódio *A Mãe da Barra*, integrante da série *As Brasileiras*, dirigida por Daniel Filho. Estrelado por Glória Pires, a história foi baseada no livro *Fala Sério, Mãe!* e adaptada por Ana Maria Moretzsohn⁴. Suas histórias também chegarão às telonas e salas de exibição. Há três projetos diferentes em produção para adaptar seus livros para o cinema.

Tendo em vista sua grande penetração junto ao público adolescente, em 2012, Thalita Rebouças ganhou uma coleção da marca *Fitá* em sua homenagem. Seus produtos vão de agendas, capas de fichário, camisolas e canecas a objetos de decoração como almofadas e organizadores. Em abril de 2014, foi lançado *Fala sério – O jogo*, fabricado pela Brinquedos Estrela⁵, e baseado nos livros da autora. No mesmo ano, a escritora estrelou o filme publicitário da campanha de incentivo à leitura da TV Globo. Vale ainda mencionar a enorme visibilidade alcançada pela escritora nos veículos de comunicação. Thalita Rebouças é presença constante na mídia, frequentemente em abordagens sobre si, sua obra e seu sucesso comercial. Porém, muitas outras vezes, é convocada a falar sobre assuntos diversos, como esportes e culinária, por exemplo, o que acaba contribuindo para que possa, mesmo de maneira indireta, reforçar e consolidar a sua imagem pública.

Os personagens adolescentes: valores, estilos de vida, ambições e relações sociais

Pretende-se aqui analisar a obra da escritora Thalita Rebouças com foco nas representações sociais dos adolescentes, a partir de uma observação acerca dos prin-

3 FREITAS, Guilherme. Bial chega aos 30 anos com recorde de público jovem. **O Globo**. Rio de Janeiro. 8 set. 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2013/09/08/bial-chega-aos-30-anos-com-recorde-de-publico-jovem-509562.asp>. Acesso em 5 fev. 2015 e NETO, Leonardo. Com público recorde, Bial do Rio chega ao fim. **Publishnews**. São Paulo. 14 set. 2015. Disponível em: <http://www.publishnews.com.br/materias/2015/09/14/com-pblico-recorde-bial-do-rio-chega-ao-fim>. Acesso em 14 set. 2015.

4 O episódio foi um dos que obteve os maiores índices de audiência da série, alcançando 20 pontos, e abriu caminho para uma empreitada mais ambiciosa. *A Mãe da Barra* vai dar origem a um seriado, a ser exibido também na TV Globo, e mais uma vez estrelado por Glória Pires. Desta vez, o roteiro será assinado pela própria Thalita Rebouças.

5 MOLINERO, Bruno. Escritora Thalita Rebouças lança jogo baseado na série 'Fala Sério'. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 1 abr. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2014/04/1434163-escritora-thalita-reboucas-lanca-jogo-baseado-na-serie-fala-serio.shtml>. Acesso em 10 abr. 2014.

cipais personagens de seus livros, suas características, valores, estilos de vida, conflitos e ambições. Serão levadas em consideração também as relações familiares, de amizade e amorosas retratadas e as temáticas mais recorrentes. Dentre os 18 livros publicados por Thalita Rebouças, seis serão analisados aqui mais detalhadamente. Tendo em vista o objetivo principal de refletir acerca das representações sociais dos adolescentes, os títulos *Adultos sem filtro*, *Por que só as princesas se dão bem?* e *Bia não quer dormir* não serão considerados por terem público-alvo diferenciado: o primeiro é voltado para adultos e os dois últimos destinam-se às crianças. A obra *Uma fada veio me visitar* também não será analisada por ser bastante diferente com relação às demais, sendo o único de todos os livros da escritora a pertencer ao gênero da literatura fantástica, tendo como uma das protagonistas um personagem que é uma fada. No caso dos livros que tiveram continuação ou são integrantes de séries, avaliou-se que os primeiros volumes de cada uma são os mais ricos para análise uma vez que é nessas obras que os principais personagens são apresentados aos leitores de maneira mais detalhada. As continuações costumam se repetir quando avaliadas sob essa perspectiva. Desta forma, tem-se aqui um *corpus* composto por seis livros a serem analisados: *Traição entre amigas* (2000); *Tudo por um pop star* (2003); *Fala sério, mãe!* (2012 [2004]); *Ela disse, Ele disse* (2010); *Era uma vez minha primeira vez* (2011); e *360 dias de sucesso* (2014).

Atributos como liminaridade, ambiguidade e indefinição são características intrínsecas à adolescência. Desta forma, possivelmente mais até do que outras categorias sociais, esta dos adolescentes talvez seja uma das que apresenta maior diversidade de representações, que se apoiam em nuances e sutilezas as mais variadas. Não há um modelo único de adolescente presente na obra da escritora Thalita Rebouças, são vários. Há, sem dúvida, fatores de convergência, aspectos que são bastante comuns entre eles, mas por outro lado, há uma pluralidade de biografias, estilos de vida e relações afetivas. As diversas representações dos adolescentes estão em consonância com a dificuldade intrínseca de se delimitar o grupo social dos jovens que, como propõe Groppo (2000), não pode ser tomado como uma categoria única, muito pelo contrário, ele afirma haver uma enorme multiplicidade de juventudes.

No que tange mais especificamente aos adolescentes protagonistas dos livros analisados, as idades variam um pouco, indicando que a adolescência não pode ser definida por critérios essencialmente etários (GROPPO, 2000; CATANI & GIGLIOLI, 2008; ROCHA & PEREIRA, 2009; VAN GENNEP, 2013): Penélope e Luíza, de *Traição entre amigas*, estão na faixa dos 20 e poucos anos; o trio Manu, Gabi e Ritinha, de *Tudo por um pop star*, tem entre 12 e 13 anos; a Malu, de *Fala sério, mãe!*, tem episódios de sua vida contados desde quando estava na barriga da mãe até os 21 anos, mas é aos 12 anos, quando ela dá seu primeiro beijo, que ganha voz própria e assume a narrativa, que até então estava a cargo de sua mãe; Rosa e Léo, de *Ela disse, Ele disse* têm 14 anos; as amigas de *Era uma vez minha primeira vez* vão contar as histórias de

quando tinham entre 15 e 19 anos; e os componentes da banda de *360 dias de sucesso* possuem idades que variam entre 15 e 18 anos.

Trata-se, em sua totalidade, de jovens que moram no Rio de Janeiro, à exceção de Manu, Gabi e Ritinha, que vivem em Resende, no interior do estado, mas cuja narrativa se passa, na maior parte do tempo, na capital carioca. Todos pertencem, também, à chamada classe média brasileira; alguns são de famílias com melhores condições financeiras, outros com menos, mas todos podem ser incluídos nesta categoria social. À exceção da Penélope de *Traição entre amigas*, que mora sozinha, todos os demais moram com pelo menos um dos pais. Penélope e Luíza estão na faculdade e todos os outros estão às voltas com as obrigações escolares. Tal como propõem Rocha e Pereira, dois dos aspectos importantes associados à adolescência são “ser solteiro ou depender do dinheiro dos pais” (ROCHA & PEREIRA, 2009, p. 30). Absolutamente todos os personagens analisados se enquadram neste perfil.

A escola é retratada como uma arena de múltiplas significações. É nela que os adolescentes assumem responsabilidades e a questão da autoridade se faz bastante presente: os pais cobram o bom desempenho dos alunos, que precisam aceitar e cumprir as regras impostas pelos professores e pela direção da escola. Ou seja, é um espaço no qual os adolescentes estão o tempo todo sob supervisão e controle, mostrando, tal como afirma Bourdieu (1983), que o sistema escolar, baseado em uma dominação adulta, tem por objetivo controlar os jovens e prepará-los para assumir papéis sociais pré-determinados. Ao mesmo tempo, porém, a escola é por excelência um espaço de sociabilidade, de interação, de construção e consolidação de grandes amizades, algumas inimizadas, de amores e decepções amorosas.

A indeterminação, tão característica da juventude, observável num movimento contínuo de aproximação e afastamento, oscilante tanto da infância quanto da vida adulta, pode ser observada na obra analisada. Em *Tudo por um pop star*, por exemplo, Ritinha confessa que ocasionalmente ainda brinca de boneca, mas só para “matar as saudades” dos brinquedos, com os quais se divertia com frequência até o ano anterior (quando tinha 11 anos). No mesmo livro, as três adolescentes ficaram muito animadas com a possibilidade de passarem sozinhas (sem a supervisão de um adulto) uma noite no apartamento em que estavam hospedadas no Rio de Janeiro. Elas se referiram à situação como uma possibilidade de “brincar de gente grande” e assumir essa responsabilidade muito as entusiasmava. Por outro lado, quando se aventuraram a ir sozinhas ao show de sua banda preferida e enfrentaram uma série de adversidades, sabiam que seriam repreendidas por seus pais, mas esperavam contar com certa compreensão da parte deles ao afirmarem “eles já foram crianças um dia”.

Esta questão do relacionamento entre pais e filhos está presente em todos os livros analisados. Uma boa relação nos livros é retratada por dois aspectos principais: a existência de um diálogo franco e aberto entre pais e filhos, de amizade e intimi-

dade, e o apoio e suporte dos pais para que os filhos sigam seus próprios caminhos, aquilo que escolheram eles mesmos para suas vidas, seja o sonho de seguir a carreira artística, por exemplo, ou mesmo o livre arbítrio para escolher as próprias amizades. Esta boa relação é bastante valorizada pela autora e tende a ser, nos livros, a visão mais comum, como acontece no caso de Gabi, de *Tudo por um pop star*; Malu, de *Fala sério, mãe!*; Léo e Rosa de *Ela disse, Ele disse*; Teresa e Nanda, de *Era uma vez minha primeira vez*; Pedro, Marcelo Pá, Gualter e Mari, de *360 dias de sucesso*. Alguns trechos dos livros podem ajudar a ilustrar tais relações:

[Léo, em *Ela disse, Ele disse*]: Sempre fui muito ligado ao meu pai. Ele é engraçado, inteligente, tá sempre sorrindo, acha tudo ótimo, é um parceirão. Um pai completo. Preocupado, mas sem ser chato, me pega tardão nas festas sem reclamar, me ajuda nas matérias mais complicadas, me leva ao Maraca pra gente torcer pelo Fluzão, joga tênis comigo, cismou que quer me ensinar a jogar golfe, me bota na garupa da sua moto para passear pelo Rio... Acima de tudo, meu pai é meu amigo (REBOUÇAS, 2010, p.25).

[Sobre Mari, em *360 dias de sucesso*]: Órfã de pai aos 10 anos, Mari logo se tornou melhor amiga e companheira inseparável de Isaura (sua mãe) (REBOUÇAS, 2014, p.83).

Em contraposição, um mau relacionamento com os pais é marcado pela falta de compreensão, diálogo e apoio e costuma se configurar num problema para esses jovens, gerando transtornos e conflitos no dia-a-dia. É o caso de Luíza, de *Traição entre amigas*; de Clara e Patty, de *Era uma vez minha primeira vez*; e de Théo, de *360 dias de sucesso*. Trechos dos livros ilustram essas situações:

[Clara, em *Era uma vez minha primeira vez*]: Que porcaria vida de adolescente! Você não pode fazer nada (embora ache que tem o direito de fazer tudo) e sua vida é controlada e vigiada por pessoas que acham que têm esse direito só por serem seus pais (REBOUÇAS, 2011, p.64).

[Sobre Théo, em *360 dias de sucesso*]: Alina, como já deu pra perceber, não tinha filtro, dizia na cara do filho barbaridades que magoariam até um robô. E Theo não raro chorava escondido, mais revoltado que triste. Por muitas vezes, o garoto quis perguntar à mãe o que tinha feito de errado para ela, mas engolia a pergunta por vários motivos: era sua mãe, ele a amava e sabia que, do seu jeito, ela o amava também e por isso se machucaria caso fosse encostada na parede pelo filho (REBOUÇAS, 2014, p. 19).

Provavelmente por ser a temática principal de *Fala sério, mãe!*, no livro, a relação entre mãe e filha é mostrada de maneira bem mais abrangente, cheia de nuances, para além da dicotomia pais dialogam/ apoiam os filhos X pais que não dialogam/ não apoiam os filhos. O relacionamento de Malu com sua mãe Angela é repleto de altos e baixos, momentos de conflito, mas também de fortalecimento de vínculos e afetos. Angela implica frequentemente com Alice, a melhor amiga da filha; invade o espaço de Malu muitas vezes, como quando foi à escola e solicitou a mudança de turma da filha, sem consultá-la antes; ou quando a matriculou em um curso de francês por decisão exclusivamente sua; entre outras situações, que provocam a reação indignada de Malu. Há, porém, momentos de bastante reconhecimento e admiração

da mãe pelas atitudes da filha, sendo que ela chega a admitir que, por vezes, Malu é mais madura do que ela ou mesmo que ela também tem o que aprender com Malu (rompendo a premissa do saber em formação dos adolescentes normalmente colocado em contraposição ao saber dos adultos). Ao final do livro, a mensagem que parece ficar é a de que desavenças e conflitos entre pais e filhos são comuns e fazem parte do processo de amadurecimento. E que, passada esta fase conturbada, na maioria das vezes, vínculos e afetos se fortalecerão, de modo que uma relação franca, honesta, de respeito e amizade possa ser estabelecida por toda a vida. De modo geral, há uma valorização do bom relacionamento e a indicação de que a ausência deste causa dificuldades ou mesmo sofrimento para os jovens. Vale dizer que, em nenhuma das situações retratadas, tem-se um conflito direto, uma revolta ou enfrentamento dos pais por parte dos filhos. O que se observa é um conformismo ou tristeza com a situação, mas que não impulsionam um embate mais ativo.

Ritos de passagem associados mais especificamente à adolescência também são retratados de maneira variada nos livros analisados. De acordo com Gennep (2013), a maioria deles consiste em “ritos de iniciação” e vai começar a iniciar o indivíduo em uma próxima etapa da vida social. A diferenciação entre a puberdade fisiológica e a “puberdade social” proposta pelo autor, pode ser observada de maneira bastante clara em *Fala sério, mãe!*. No livro, aos 11 anos, Malu espera ansiosamente pela sua primeira menstruação, como quando afirma “Eu sei que tudo vai mudar na minha vida depois que eu menstruar. Vou ficar mais mulher” (REBOUÇAS, 2012, p. 62). Aos 13 anos, em seu terceiro ciclo menstrual, Malu reclama por nada ter mudado de fato em sua vida por causa disso: “E o pior de tudo é que não me sinto nem um pouco mais mulher como achei que aconteceria. Sou a mesma adolescente de sempre...” (REBOUÇAS, 2012, p.77). Na história de Malu, o primeiro beijo foi bem mais determinante para trazer mudanças do que a menstruação. Na primeira metade do livro, os textos mostram o ponto de vista da mãe, que é a narradora. Porém, a partir do seu primeiro beijo, aos 12 anos, é Malu quem assume a narrativa. Este é o fato biográfico que lhe confere voz, mas ele não se dá sozinho, vem acompanhado de outros indícios de amadurecimento social da personagem, tal como explica a sua mãe:

Hoje, ela escolhe roupas, livros e CDs sozinha e já beija de língua no escuro do cinema. É a menina cedendo lugar não à mulher, mas a uma linda mocinha. Que tem vontade e pensamentos próprios, opiniões formadas, certezas, desejos e verdades que borbulham na sua cabecinha adolescente. Cabeça que se orgulha de ter ideias e ideais, que me ensina muito, diariamente, e que se expressa com clareza e coerência através de gestos, atitudes e, principalmente, palavras. É, palavras. A partir de agora, tenho certeza, ela já pode falar por si própria (REBOUÇAS, 2012, p. 76).

Para Gennep (2013), os “ritos de iniciação” têm caráter sexual e correspondem à iniciação sexual dos adolescentes, sendo uma característica fundamental para o ingresso pleno na vida adulta. A questão é abordada de maneira bastante recorrente nos livros analisados, sendo que *Era uma vez minha primeira vez* faz desta a sua te-

mática principal. A autora aborda a história da iniciação sexual (ou primeira vez) de cada uma das seis amigas protagonistas, retratando seus medos, anseios e dificuldades com relação ao tema, antes, durante e depois do ato propriamente dito. Algumas delas tiveram boas experiências. Para outras, a primeira vez foi bastante decepcionante, diferente de tudo o que sempre imaginaram. De uma forma geral, porém, a mensagem que perpassa todas as histórias é de que a iniciação sexual de cada uma delas foi somente isso, o início. Independente de cada história específica, o que a autora parece querer mostrar é que a vida sexual poderá ser boa e será independente do que tenha acontecido na primeira vez. Desta forma, ameniza-se um pouco o peso dos medos e anseios das adolescentes no que diz respeito à perda da virgindade. A primeira vez é mostrada como não determinante para o sucesso de toda uma vida sexual que virá em seguida. É, sem dúvida, uma experiência marcante e que será lembrada, mas não tão definidora e definitiva como parece acreditar quem está vivendo ou prestes a viver isso pela primeira vez. Alguns trechos do livro ilustram essa posição:

[No reencontro das amigas em *Era uma vez minha primeira vez*]: Relembra-ram, sem mágoas ou julgamentos, sua primeira experiência no quesito sexo. Conhecendo a história de cada uma, fica claro que a primeira vez pode até ser um assunto rodeado de mistérios e dúvidas, mas faz parte da vida e não tem, mas não tem mesmo!, receita de bolo para dar certo. Ela pode ser bacana, dolorosa, sofrida, inesperada, desastrada, inusitada, divertida. Às vezes é diferente de tudo o que planejamos, sonhamos, acreditamos, pensamos. Mas fica carimbada na nossa memória, sendo ela boa ou ruim (REBOUÇAS, 2011, p.11).

[Clara, em *Era uma vez minha primeira vez*]: Aprendi que primeira vez não precisa ser exatamente boa. Afinal, tem sempre a segunda, a terceira, a quarta, a nonagésima vez. E cada vez é melhor que a anterior (REBOUÇAS, 2011, p. 78).

O início da vida amorosa e sexual é retratado nos livros também sob outros aspectos a ele relacionados. Um deles é a pressão que muitos jovens sofrem, inclusive de seus próprios amigos, para que se dê logo esse início sexual. Ser o último de um grupo de amigos a perder a virgindade pode trazer constrangimentos. A Patty, de *Era uma vez minha primeira vez*, conta que sofria *bullying* por ser virgem aos 19 anos. A Malu, de *Fala sério, mãe!*, usou o fato de todas as suas amigas já terem tido a primeira vez como uma das justificativas para a primeira vez dela própria. Assim ela explica porque resolveu ter relações sexuais com seu namorado: “Porque estava na hora! Porque deu muita vontade. Porque o cara é tudo de bom. E, cá entre nós, porque eu era a última virgem das minhas amigas” (REBOUÇAS, 2012, p. 150).

Todos esses episódios são mostrados de forma romanceada, não se pode observar, em nenhum momento, uma pretensão didática ou um tom de especialista, que vai dar orientações aos leitores sobre tais questões. O que se tem é uma visão bastante positiva da ida a um ginecologista, ou seja, a autora não requer para si ou para sua obra o papel ou a responsabilidade de orientar os leitores em uma questão que pode ser considerada delicada. Em vez disso, fica o conselho implícito para que os

adolescentes procurem um especialista na vida real. A Joana, de *Era uma vez minha primeira vez*, afirma: “Tinha lido numa revista que o melhor a fazer era ir ao médico antes da primeira vez, para ver se estava tudo nos conformes. Marquei o ginecologista e... adorei!” (REBOUÇAS, 2011, p. 163). No caso da Malu, de *Fala sério, mãe!*, a dica é ainda mais específica. Ela assume a preferência por procurar um médico ginecologista diferente do de sua mãe para que se sinta ainda mais à vontade para esclarecer todas as dúvidas e conversar sobre seus anseios.

O processo de busca pela construção da auto-identidade e a tentativa de adoção de um estilo de vida que possa orientar as escolhas do indivíduo, tal como propõe Giddens (2002), também pode ser observado nas narrativas analisadas. Nos livros, isso se reflete nos hobbies, gostos, desejos e escolhas que fazem os personagens. Há os que gostam de costurar suas próprias roupas, de fazer bijuterias, os que são fãs de esportes, os que fazem aula de teatro, os que tocam algum instrumento e participam de alguma banda. Em alguns casos, essas atividades vão extrapolar o âmbito de *hobbies* para se transformar em trabalho ou em um objetivo profissional, sendo que o caso mais ilustrativo nos livros é o da banda Pólvora, de *360 dias de sucesso*. Isso está em consonância com o que afirma Giddens (2002) de que a adoção estratégica de um estilo de vida envolve decisões que consistem em uma preparação para o futuro.

O lazer é o espaço que melhor possibilita o exercício de escolhas desses estilos de vida e Groppo (2000) vai relacioná-lo à multiplicação de grupos juvenis, à cultura do consumo e à indústria cultural. Com o gradativo afastamento dos jovens de instituições como a família, a escola e a Igreja, eles se aproximam cada vez mais da cultura de massa e da influência desta, que será decisiva para suas escolhas de consumo. Uma vez que os bens de consumo são dotados de valor simbólico, a aquisição de bens reflete afinidades com valores e posições associados a essas mercadorias. Da mesma forma, indivíduos que optam por produtos iguais ou similares expressam de maneira indireta afinidades entre si. Pode ser essa a justificativa para a escolha da autora por fazer uma série de referências a bens culturais reais em seus livros. Em *Tudo por um pop star*, a banda alvo da adoração do trio de protagonistas é fictícia, mas são citados artistas mundialmente conhecidos, como Bono Vox, U2, Elton John e Madonna. Além disso, há a menção a uma aparição das meninas em matéria veiculada no *Fantástico*, programa dominical tradicional exibido nas noites de domingo pela Rede Globo. Já em *Fala sério, mãe!*, há uma crônica repleta de referências e citações ao humorista Renato Aragão, conhecido com Didi e líder do grupo *Os Trapalhões*, que durante muitos anos teve um programa humorístico na Rede Globo, fazendo sucesso junto a gerações de crianças. Mas, é em *360 dias de sucesso* que estão as referências mais variadas. Devido à ambientação no universo musical, canções, bandas e artistas de verdade são citados com frequência. Além disso, para mostrar o processo de escalada para o sucesso da banda Pólvora, a autora cita inúmeros programas da grande mídia que teriam dado espaço ou mesmo destaque para a banda fictícia, como *Fan-*

tástico e *Caldeirão do Huck*, ambos programas de grande audiência exibidos pela Rede Globo, e ainda uma clara referência à Ilha de Caras, ainda que sem mencionar seu nome, para onde uma das revistas de maior circulação nacional sobre celebridades costuma levar artistas e famosos para a realização de matérias exclusivas. A utilização desse recurso pela escritora facilita o processo de identificação dos leitores com as histórias e personagens, uma vez que tem potencial para estabelecer um vínculo imediato entre ambos. Com o recurso da autorreferência, a cultura de massa fortalece o vínculo entre seus produtos.

Outros assuntos comumente associados ao universo adolescente também são abordados nos livros. A preocupação em ser aceito pelos grupos, como afirma Rosa, de *Ela disse, ele disse*, sobre o primeiro dia de aula na escola nova: “Será que me tachariam de chatinha? Será que achariam meu nariz muito grande, minhas canelas muito finas, meu cabelo ressecado, minha voz esganiçada?” (REBOUÇAS, 2010, p.10). O tema do *bullying* é retratado no mesmo livro, também nas palavras de Rosa: “Agressões verbais muitas vezes são piores que físicas, palavras e gestos podem machucar mais que qualquer tapa. Nunca entendi pessoas que gostam de ver outras sofrer, pior, de fazê-las sofrer. Dizem que adolescentes sabem ser cruéis e, com vergonha, concordo plenamente” (REBOUÇAS, 2010, p. 89). Porém, a faceta da solidariedade e o vínculo entre eles também pode ser observado: ao serem suspensos do colégio por se beijarem dentro de sala de aula, Rosa e Léo, de *Ela disse, ele disse*, conseguiram o apoio de muitos outros alunos, que fizeram um vídeo com vários casais de alunos se beijando para tentar mostrar que aquilo não era relevante e que todo mundo fazia o mesmo.

É possível observar nos livros, ainda, situações em que os personagens assumem uma postura reflexiva e analisam sua própria condição de adolescente, atual ou passada. Este recurso possibilita um olhar um pouco mais distanciado, colocando em perspectiva suas questões, angústias e anseios. Alguns trechos ilustram bem este tipo de situação:

[Léo, em *Ela disse, ele disse*]: Vergonha à parte, o fato é que eu estava me sentindo meio diferente mesmo. O tempo passara e eu tinha amadurecido. Não estava um homenzinho (ô, palavra ridícula), mas tinha evoluído no ano que passara e estava cada vez mais perto da vida adulta do que da adolescência (embora me achasse – e agisse como – uma criançona de vez em quando (REBOUÇAS, 2010, p. 188).

[Tuca, em *Era uma vez minha primeira vez*]: Mas eu tinha apenas 18 anos. E quando temos 18 anos achamos que sabemos de tudo, mas não sabemos nada (REBOUÇAS, 2011, p. 86).

[Patty, em *Era uma vez minha primeira vez*]: Lembra quando a gente era mais nova e transformava em problemão qualquer probleminha? (REBOUÇAS, 2011, p.10).

Alguns temas que podem ser considerados mais problemáticos, ou mesmo polêmicos, foram abordados no primeiro livro da autora, *Traição entre amigas*, quando

ela afirmou estar escrevendo para um público um pouco mais velho. Nos livros seguintes, quando ela assume seu público como adolescente e não mais jovem adulto, ela abre mão de abordar tais assuntos. Entre esses temas estão a vivência de um caso amoroso fora do casamento, aborto, consumo de maconha e racismo. Mesmo em *Traição entre amigas*, esses assuntos são tratados por alto, sem aprofundamento, mas sequer são mencionados nos títulos seguintes.

Considerações finais

No que tange às representações sociais dos adolescentes nos livros da escritora Thalita Rebouças, pode-se dizer que há uma constituição basilar desses personagens, uma linha comum entre eles, que indica algumas semelhanças: ainda não possuem sua independência financeira, moram com os pais, residem no Estado do Rio de Janeiro, são jovens da chamada classe média e frequentam a escola (ou faculdade). Por outro lado, há um sem-número de características variadas entre eles: bons e maus alunos, além dos medianos; os que possuem ótima relação com os pais e aqueles que não têm diálogo algum em casa; os que gostam de surfar, de praticar esportes variados, de fazer teatro ou tocar algum instrumento musical; os que se apaixonam e os que só querem diversão; os que fazem amigos facilmente e os que têm dificuldade de aproximação. Isso entre tantos outros exemplos que poderiam ser citados.

Essa grande pluralidade nas representações dos adolescentes na obra da escritora facilita o processo de identificação dos leitores com os personagens, abrindo caminho para o estabelecimento e fortalecimento de vínculos afetivos com os protagonistas e as narrativas. Tais representações servem como modelos, guias de como ser e como agir para os jovens, o que vai apoiá-los na busca pela constituição de suas identidades. Ao mesmo tempo, tais representações conferem visibilidade a esses jovens, jogando luz sobre sua existência e suas próprias questões, o que é bastante relevante em uma fase da vida em que se sentem - e muitas vezes de fato o são - destituídos de lugar próprio. Os livros, e as representações sociais colocadas por eles em circulação, inserem na pauta questões tão relevantes para os jovens, ajudando-os a lidarem com elas, a terem uma melhor compreensão de si e, ao mesmo tempo, ampliando sua visão de mundo.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, P. "A 'Juventude' é apenas uma palavra". In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CATANI, A. M.; GIGLIOLI, R. de S.P. **Culturas juvenis: múltiplos olhares**. São Paulo: Editoram UNESP, 2008. (paradidáticos. Série Cultura).

- DURKHEIM, É. **Sociologia e filosofia**. Rio de Janeiro e São Paulo: Ed. Forense, 1970.
- GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.
- GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (org.). **Representation, cultural representation signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.
- MARTHA, A. Á. P. Narrativas de língua portuguesa: temas de fronteira para crianças e jovens. In: **Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas**. Universidade de Évora, 2010.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.
- REBOUÇAS, Thalita. **Traição entre amigas**. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico, 2000.
- _____. **Tudo por um pop star**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- _____. **Fala sério, mãe!** Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012.
- _____. **Ela disse, ele disse**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.
- _____. **Era uma vez minha primeira vez**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.
- _____. **360 dias de sucesso**. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014.
- ROCHA, E.; PEREIRA, C. **Juventude e Consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Mauad, 2009.